

# EDUCAÇÃO CRISTÃ

afetiva e efetiva



---

Misael Batista do Nascimento

# Educação cristã afetiva e efetiva

Misael Batista do Nascimento

2019

© 2019 Misael Batista do Nascimento

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer outro meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação, sem prévia autorização, por escrito, do autor.

Dados para contato: Fone: 55-017-98149-4342

1ª edição – 2019

NASCIMENTO, Misael Batista.

Educação cristã afetiva e efetiva/ Misael Batista do Nascimento.

Recife: Conselho de Educação Cristã e Publicações da Igreja Presbiteriana do Brasil (CECEP) — Congresso de Educação Cristã Região Nordeste, 2019.

1. Educação cristã 2. Teologia prática I. Título

Dedicado aos que, encontrados por Jesus Cristo, amam ao Deus único e, na dependência do Espírito, respondem a este amor se dedicando ao ensino cristão afetivo e efetivo.

## Sobre o autor

Misael Batista do Nascimento é mestre em educação, arte e história da cultura, pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2019). Doutor em ministério, pelo Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper (CPAJ), São Paulo (2008). Pastor da Igreja Presbiteriana de São José do Rio Preto, desde janeiro de 2010. Vice-presidente do Sínodo de Bauru. Membro do Conselho Editorial da Editora Cultura Cristã. Membro do Conselho de Educação Cristã e Publicações (CECEP). Membro suplente do Conselho Universitário da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Leciona teologia desde 1997. Coordenou o curso de graduação em teologia do Seminário Presbiteriano de Brasília (2009). Presidiu o Instituto Presbiteriano do Gama, DF, de 1997 até 2009. Publica no blog *Somente Pela Graça*. Mais informações em: <http://www.misaelbn.com/sobre-misael/>.

# Sumário

<b>Educação cristã afetiva e efetiva (parte 1)</b>	<b>1</b>
Introdução da parte 1	1
I. Uma revelação a ser ensinada	2
II. Um chamado ao amor	2
III. Um contexto familiar e comunitário	3
Concluindo a parte 1...	5
<b>Educação cristã afetiva e efetiva (parte 2)</b>	<b>7</b>
Introdução da parte 2	7
I. O que é educação cristã afetiva e efetiva	7
II. A igreja é o ambiente onde a educação cristã afetiva e efetiva toma forma	9
III. O Senhor Jesus Cristo e o apóstolo Paulo foram educadores afetivos e efetivos	11
Concluindo a parte 2...	12
<b>Referências bibliográficas</b>	<b>16</b>

# Educação cristã afetiva e efetiva (parte 1)

Congresso de Educação Cristã Região Nordeste. 06/09/2019, 20h35.

## Introdução da parte 1

Boa noite a todos. Eu sou grato pela oportunidade de estar aqui, encontrado pela Palavra de Deus, abençoado pela Palavra do Senhor ministrada pelo Rev. Roberto Brasileiro.

Meu propósito é, se Deus permitir, dizer algumas coisas úteis sobre educação cristã afetiva e efetiva. Planejei falar para cristãos envolvidos com educação cristã — nos âmbitos das escolas dominicais, discipulado e liderança de grupos pequenos. Pretendo fazer isso consciente de que são quase 21h e talvez você tenha viajado para estar aqui, ou até more em Recife, mas veio de uma semana corrida e cansativa. Se, em um momento ou outro, eu mencionar alguma questão que gere dúvidas, você pode postar perguntas nos comentários das plenárias, em meu site, em <http://www.misaelbn.com/congresso-recife2019>.

Minha súplica a Deus tem sido para que ele me ajude a deixar com vocês algo que faça diferença — para o bem — em nossas vidas pessoais e igrejas.

A ideia central desta primeira fala é: de acordo com a Bíblia, a educação efetiva é sempre afetiva.

Demonstrarei isso apontando para Deuteronômio 6.4-9.

4 Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR. 5 Amarás, pois, o SENHOR, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força. 6 Estas palavras que, hoje, te ordeno estarão no teu coração; 7 tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te. 8 Também as atarás como sinal na tua mão, e te serão por frontal entre os olhos. 9 E as escreverás nos umbrais de tua casa e nas tuas portas.

Quem sabe você já ouviu exposições ou mesmo lecionou sobre este trecho da Bíblia que é conhecido como *shemá* ou *shāma'*, por causa do verbo “ouvir”, que inicia o v. 4.

O verbo ouvir (*shāma'*) traz o sentido de “obedecer”: é requerido do povo que ouça para obedecer. O verbo é usado com o mesmo sentido no contexto do tratado do Oriente Próximo.<sup>1</sup>

Os v. 4-5 são recitados pelos judeus devotos em suas orações diárias, e também constam nas primeiras liturgias das sinagogas.<sup>2</sup> Martin informa que “o *shemá* é uma confissão de fé e uma bênção alegre ao mesmo tempo”.<sup>3</sup> Não seria impróprio dizer que a declaração de Paulo, em Romanos 10.17, de que “a fé vem pela pregação”, ou, literalmente, pelo “ouvido” ou “audição” (*akoē*), ecoa Deuteronômio 6.4.

Isso nos conduz a um primeiro ponto. Notemos que há...

---

<sup>1</sup> CRAIGIE, Peter C. *Deuteronômio*. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 144.(Comentários do Antigo Testamento). Logos Software.

<sup>2</sup> HUSTAD, Donald. *Jubilate! A Música na Igreja*. São Paulo: Vida Nova, 1986, p. 92.

<sup>3</sup> MARTIN, Ralph P. *Adoração na Igreja Primitiva*. 2. ed. revisada. São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 34-35.

## I. Uma revelação a ser ensinada

Deuteronômio 6.6 esclarece que temos de ouvir “estas palavras”, quer dizer, estamos diante de verdades divinamente reveladas e ordenadas, que precisam ser efetivamente comunicadas, ou dito de outro modo, de um conteúdo a ser ensinado. Tal conteúdo ou construto é constituído de “estas palavras” — da Palavra de Deus, dada a nós para ser ouvida e obedecida. Isso distingue a educação cristã. Ela tem a ver com as Sagradas Escrituras, com construtos infalíveis, inerrantes e suficientes, dados pelo próprio Deus ao seu povo.

Esta revelação é acerca de Deus. Preste atenção nos detalhes sobre o ser de Deus, mostrados no texto. Ele é “o SENHOR”. E aqui o texto traz o nome pactual de Deus (*YHWH*), esclarecendo que ele é aquele que se revela e se dá a nós em um vínculo de amor e de vida,<sup>4</sup> de modo que podemos considerá-lo “nosso Deus” (v. 4) ou “teu Deus” (v. 5). Vejamos ainda que Deus é “único” (*’ē·hād*; “um”, ou “primeiro”, não como Deus que precede outros deuses, mas Deus único que, como criador, é fonte e origem de tudo que existe — v. 4). Moisés sublinha a unicidade de Deus. Ele não é qualquer um! Não **um** Deus, mas **o** Deus. Por fim, ele é **amável**: “**Amarás, pois, o SENHOR, teu Deus [...]**” (v. 5a). Daí este ser considerado “**o principal de todos os mandamentos**”(Mc 12.28-30).

Em suma, ouçamos, saibamos quem Deus é! A doutrina — a revelação — aponta para ele! Como afirmou Lloyd-Jones:

A doutrina é apenas um alicerce, e não mais que isso. Não é um fim; é somente um começo. É o meio. Nunca devemos parar aí. Ela está sempre destinada a levar-nos à fé, a adentrar esse conhecimento, essa intimidade, essa profunda experiência do Deus vivo, em que realmente nos encontramos com ele, sabemos que ele está presente, e temos consciência das energias do Espírito em nós e entre nós.<sup>5</sup>

Isso nos conduz ao segundo ponto, qual seja, a confissão *shemá* contém...

## II. Um chamado ao amor

E não se trata de qualquer amor, pois lemos: “**amarás, pois, o SENHOR, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força**” (v. 5). O Deus verdadeiro e único nos convoca a amá-lo total e intensamente.

Talvez você tenha ouvido várias vezes — como eu ouvi — que o amor bíblico não tem nada a ver com sentimentos. O amor bíblico, me disseram, é decisão, é exercício da vontade renovada pelo Espírito Santo, é obediência, e isso não tem qualquer relação com sentimentos. Pois os sentimentos são fluidos, inconstantes, voláteis, enquanto o amor bíblico é concreto, firme e eterno (especialmente à luz de 1Co 13.4-13). Esse argumento é evocado quando percebemos que, em razão de nossa pecaminosidade, algumas vezes, nosso dever ou a ação obediente requerida de nós pela Escritura, bate de frente com nossos sentimentos. De fato, nossos sentimentos são corrompidos pela queda — eles são malandros a ponto de se colocarem contra Deus de diferentes modos. Nós podemos nos esconder detrás deles, a fim de não obedecer a Palavra de Deus: “agora eu não perdoarei meu irmão; farei isso somente quando eu sentir que devo perdoar”.

---

<sup>4</sup> VAN GRONINGEN, Gerard. *Criação e Consumação*. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 90, v. 1.

<sup>5</sup> LLOYD-JONES, D. Martyn. *Os Puritanos: Suas Origens e Seus Sucessores*. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1993, p. 63.



Trocando em miúdos, por causa do pecado que habita em nós, todos aqui, em diferentes ocasiões, tropeçamos em nosso sentir, sentimos errado. Sendo assim, uma vida guiada pelos sentimentos é infantil, imatura. Por isso enfatizamos (corretamente), que a obediência às Escrituras às vezes requer dizer não a determinados sentimentos.

O problema ocorre quando nós abraçamos a ideia (caricata) de um cristianismo dissociado de sentimentos — uma fé eminentemente cerebral, desconectada dos afetos. Não é errado dizer que crer equivale a conhecer, desde que demarcemos que o verbo “conhecer” tem significados diferentes, nas Escrituras e na cultura pagã. Biblicamente, conhecer denota não apenas um exercício intelectual, mas também um vínculo, uma intimidade ou relação de corpo e alma com alguém. José não conheceu Maria, enquanto ela não deu à luz um filho, a quem pôs o nome de Jesus (Mt 1.25). O “culto racional” que o cristão deve prestar a Deus, conforme Romanos 12.1, corresponde à apresentação do cristão inteiro, incluindo suas emoções, como holocausto de aroma agradável ao Senhor. A renovação da mente (*nous*), em Romanos 12.2, implica renovação de todo o ser interior, incluindo os afetos. Por esse ângulo, fazer teologia corresponde a se dedicar, ou seja, dar-se em amor — razão, corpo e afetos — ao serviço da Palavra de Deus!

A confissão *shemá* põe em relevo a dimensão afetiva de nossa vida com Deus. É aqui que tudo começa. Este é o “principal de todos os mandamentos”. “Estas palavras”, ou seja, a revelação acerca de Deus e o chamado ao amor — a convocação a uma devoção completa a ele — devem estar no coração, no centro da vida do crente. Além disso, o que consta no v. 6 — palavras de Deus no coração — implica ensino. Tem a ver com educação.

Mas notemos que aqui, educação é uma obra de Deus na alma, ou seja, a declaração *shemá* aponta para a operação de Deus no coração, como lemos em Deuteronômio 30.6:

O SENHOR, teu Deus, circuncidará o teu coração e o coração de tua descendência, para amares o SENHOR, teu Deus, de todo o coração e de toda a tua alma, para que vivas.

Quando Deus age na alma, a educação se torna efetiva. A pessoa não apenas arquiva na memória um novo conteúdo, mas é transformada em sua inteireza e capacitada a sentir corretamente. Verifica-se que o problema não está no sentir, ou em ser um cristão com sentimentos efusivos, e sim, em sentir inadequadamente ou pecaminosamente, contra Deus. A educação efetiva — a vida de Deus ministrada no coração — produz sentimentos inclinados para Deus e agradáveis a Deus. Antes e acima de tudo, o amor a Deus sincero, fervoroso e que abarca tudo o que somos, temos e fazemos. Vejamos que a educação cristã efetiva encaminha a alma a responder a Deus com amor. A educação cristã efetiva é afetiva, no sentido de colocar nos sentimentos, nos pensamentos e na boca do crente as palavras de Cânticos 2.16: “o meu amado é meu, e eu sou dele”. Isso é gravado na alma. Realizando Jeremias 31.33-34, na educação efetiva nós somos ensinados por Deus! E o resultado último de todo ensino será: Deus é impressionante. Fiel. Único. E amável!

Mas não apenas isso. Em terceiro e último lugar, a passagem informa que a educação cristã se dá em...

### III. Um contexto familiar e comunitário

Vejamos que a passagem ordena tanto um *lócus*, um lugar, quanto um *modus operandi*, uma forma de operação ou um modo de implementação da educação cristã (v. 6-8):

6 Estas palavras que, hoje, te ordeno estarão no teu coração; 7 tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e

ao deitar-te, e ao levantar-te. 8 Também as atarás como sinal na tua mão, e te serão por frontal entre os olhos.

O que aprendemos é repassado adiante. Nós dividimos com outros seres humanos aquilo que recebemos de Deus. A passagem menciona o repasse da instrução também em um contexto afetivo, de pai para filho, no abrigo do lar. Isso não desestimula ou desmerece o ensino cristão formal, como veremos adiante. De fato, alguns relatos da Escritura registram a Palavra de Deus sendo ensinada em ocasiões e ambientes solenes ou formais. Os filhos devem ser “inculcados”, e o verbo aqui (*shanan*) implica repetição ou ensino diligente (ESV) ou persistente (NVI) — a ARC traz “e as intimarás a teus filhos”. O texto diz que isso deve ser feito “em tua casa” e “pelo caminho”. O amor a Deus e a verdade sobre ele precisam guiar nossas ações (aquilo que fazemos com as mãos) e nossa percepção do mundo (a maneira como lemos e interpretamos a realidade; por isso o “frontal entre os olhos”).<sup>6</sup>

O v. 9 fala sobre a identificação do lar, como segue: “E as escreverás nos umbrais de tua casa e nas tuas portas”, ou seja, a casa era marcada com um sinal da aliança. *Este é o lar de um crente; esta família é devotada ao Deus único.*<sup>7</sup>

Trocando em miúdos: *Um*, o contexto primário da educação cristã efetiva é afetivo — o ambiente do lar, da família. *Dois*, toda educação cristã efetiva é pactual, pessoal, voltada para a vida e para a pessoa inteira, para a mente e para o coração, orientando a vida interior (fixada entre os olhos) e exterior (atada nas mãos). E a família cristã é a primeira beneficiada por esta educação, o que indica que se trata de educação cristã voltada para formação do indivíduo nos contextos de suas famílias, tanto biológica quanto de fé. Daí o tema deste congresso — *a vida na família de Jesus: uma igreja afetiva e efetiva.*

Organizando tudo, Deuteronômio 6.4-9 fornece subsídios para a proposição de um modelo de educação afetiva e efetiva. Primeiro, existe uma revelação divina, que precisa ser ensinada e que não apenas provém de Deus, mas é acerca dele — de sua personalidade, poder, fidelidade pactual e unicidade, que o configuram como digno de amor e, por conseguinte, de louvor. Segundo, esta verdade contém um chamado para que expressemos amor a Deus com inteireza e toda a intensidade de nosso ser. Por fim, em terceiro e último lugar, o ensino sobre Deus deve acontecer em um contexto de afetividade humana, familiar e comunitário.

---

<sup>6</sup> A NVI traduz o vocábulo hebraico *yād*; “mão”, como “braços” e a ARC menciona “testeiras”. Estou consciente de que minha interpretação metafórica do v. 8 não é aceita por alguns eruditos. Craigie (op. cit., p. 167-168), informa que esta passagem originou a tradição judaica dos filactérios e mezuzás e que não há consenso sobre se a interpretação dos v., 8-9 deve ser metafórica ou literal: “As injunções dadas nos v. 8 e 9 continuam a enfatizar o importante papel que os mandamentos deviam desempenhar na vida humana. É incerto se os versículos deviam ser interpretados literalmente em seu contexto inicial ou se deviam ser compreendidos em um sentido metafórico. Em qualquer dos casos, eles vieram a ser interpretados literalmente no curso da história judaica. Vocês os prenderão como sinal na sua mão, e eles serão como frontais na sua testa. O frontal ou filactério veio a ser usado como uma pequena caixa contendo um pergaminho em que vários versículos bíblicos eram inscritos. Vários exemplos de frontais foram encontrados entre as descobertas feitas na região do Mar Morto”.

<sup>7</sup> Retornando a Craigie (op. cit., p. 168), “esta ordem também foi interpretada literalmente: a palavra traduzida por “umbrais da porta” (*mezûzot*) veio a se tornar um nome próprio, *mezuzah*. A *mezuzah* era, também, uma pequena caixa contendo um pergaminho. Uma *mezuzah* encontrada nas cavernas de Qumran continha o texto de Deuteronômio 10.12–11.21. Quer sejam interpretados literalmente quer metaforicamente, os sinais descritos nos v. 8–9 indicam que o indivíduo (v. 8), sua casa e sua comunidade (v. 9) deviam ser distintos em seu caráter pela obediência aos mandamentos como resposta ao amor de Deus”.

Se entendemos isso, podemos concluir.

## Concluindo a parte 1...

Em 1983, Lawrence Richards falou em uma conferência sobre *A Educação Cristã da Igreja de Hoje e de Amanhã*.<sup>8</sup> Aquela dissertação demonstrou a pertinência de Deuteronômio 6.4-9 para o desenvolvimento de uma teologia da educação cristã. Chamaram minha atenção duas ponderações que, se Deus permitir, mencionarei novamente amanhã:

1. A situação ensino-aprendizagem exige um modelo humano e este modelo deve conhecer pessoalmente a realidade da verdade ensinada — as palavras estão “no coração” daquele que ensina (Dt 6.6).
2. O modelo humano deve ensinar no contexto de uma relação familiar amorosa, experimentada entre o povo de Deus, a igreja (Dt 6.7-9).<sup>9</sup>

Amanhã retomaremos de onde paramos. Por ora, basta que sejamos assegurados em um entendimento muitíssimo simples: de acordo com a Bíblia, a educação efetiva é sempre afetiva. E eu penso que isso é assim por algumas razões. Primeiramente, porque *Deus é um ser afetivo, que não apenas pensa, mas também sente*. E Deus, que pensa e sente, nos fez “à sua imagem, conforme a sua semelhança” (Gn 1.26; cf. v. 27).

Se isso não bastasse, deve chamar nossa atenção que nosso Senhor comparou o trabalho daquele que ensina a Palavra com o de um semeador: “O semeador semeia a palavra” (Mc 4.14). Não há tempo aqui para expor a Parábola do Semeador, mas é possível sugerir que, se ensino corresponde a sementeira, nos termos de Salmos 126.5-6, *semeadura implica andar e chorar*. Isso quer dizer que, antes de empreender qualquer ponderação sobre a educação cristã alcançando nossos alunos, devemos considerar a educação cristã tocando o afeto dos responsáveis pela sementeira — dos gestores e professores.

Entendamos que eu falo de um movimento triplo: Cada um de nós, professores, sendo alcançado e, verdadeiramente, “tocado” pelo amor de Deus. Em resposta capacitada pelo Espírito, cada um de nós amando a Deus, nosso cônjuge e filhos, a causa e a Casa (a família) de Deus, e isso sinceramente, intensamente e inteiramente. Por fim, movidos pela compaixão divina, cada um de nós orando e chorando, em favor daqueles a quem ministramos.

Daí as questões finais — por hoje:

- Qual foi a última ocasião em que choramos por nossos alunos?
- Quando foi que, pensando em uma pessoa a quem você tem o privilégio de ensinar, você foi conduzido às lágrimas?
- E qual foi a última vez em que você chorou diante de seus alunos? Enlevado por Deus, pela verdade de Deus e pelo reino de Deus?
- As verdades de Deus nas Escrituras tocam nosso coração? Mexem com nossos afetos? Produzem dor como resultado do verdadeiro amor?

Aqui eu me recordo de um trecho do hino *Súplica do Redimido*: “Cristo, inflama viva chama em meu peito, ó Salvador!”.<sup>10</sup>

---

<sup>8</sup> RICHARDS, Larry. *La Educación Cristiana de la Iglesia Hoy y Mañana*. In: NEIGHBOUR, Ralph W. (Ed.). *La Iglesia del Futuro*. El Paso, TX: Casa Bautista de Publicaciones, 1983, p. 122-133.

<sup>9</sup> RICHARDS, op. cit., p. 132.

<sup>10</sup> FERREIRA, G. L. S.. *Hino 97. Súplica do Redimido*. In: *NOVO CÂNTICO*. 16. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, versão em ePub, 2018, p. 107.

Enquanto nós mesmos — educadores — não formos tocados em nossos afetos; *enquanto nós não começarmos a chorar, ainda não começamos a ensinar.*

Desejo a todos uma boa noite, sob os cuidados de nosso Redentor.

Vamos orar.

# Educação cristã afetiva e efetiva (parte 2)

Congresso de Educação Cristã Região Nordeste. 07/09/2019, 14h.

## Introdução da parte 2

Boa tarde a todos. Não há nada melhor do que almoçar uma comida leve, com muita salada e pouca carne vermelha, e estar, às 14h, com a mente, o coração e o corpo bem-dispostos, atentos e energizados, para participar de uma plenária sobre educação cristã. Como tenho dito desde ontem, se você quiser postar alguma dúvida ou comentário sobre estas plenárias, pode fazer isso em meu site, em <http://www.misaelbn.com/congresso-recife2019>.

Pensando no tema deste congresso, ontem eu disse que, de acordo com a Bíblia, *a educação efetiva é sempre afetiva*. Chegou a hora de prosseguir, destacando que:

**A educação cristã afetiva e efetiva exige um ambiente e agentes educadores afetivos e efetivos.**

Demonstrarei isso trilhando o seguinte roteiro:

- Primeiro, esclarecerei o que eu quero dizer com educação cristã afetiva e efetiva.
- Segundo, relacionarei o que vimos até agora com o tema de nosso congresso — *a vida na família de Jesus: uma igreja afetiva e efetiva*, sugerindo, com base em Atos 2.42-47, que a igreja é o ambiente onde a educação cristã afetiva e efetiva toma forma.
- Terceiro, apresentarei a prática da educação cristã afetiva e efetiva nos ministérios de nosso Senhor Jesus Cristo e do apóstolo Paulo.
- Na conclusão, mui rapidamente, proporei um perfil bíblico e contemporâneo do agente educador afetivo e efetivo.

**Antes que você confunda esta plenária com sua hora da soneca após o almoço — corramos para o primeiro ponto.**

## I. O que é educação cristã afetiva e efetiva

Educação afetiva e efetiva é um tema “da hora”. De modo geral, “educação é aprendizado propício. A educação é um aprendizado guiado e pretendido”.<sup>11</sup> Educação afetiva e efetiva é compreendida como *educação para a pessoa inteira e para a vida inteira*.

A educação *afetiva* tem em vista ajudar o indivíduo a desenvolver segurança emocional, autoestima, autocontrole e conexão social. Educação *efetiva* é a que *promove aprendizagem*, sendo que Vandembos define aprendizagem como:

**O processo de aquisição de informação, padrões de comportamento ou capacidades novas e relativamente duradouras, caracterizado por modificação de comportamento como resultado de prática, estudo ou experiência.**<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> EDUCOLOGY: KNOWLEDGE OF EDUCATION. Disponível em: <<http://educology.iu.edu/education.html>>. Acesso em: 10 ago. 2019.

<sup>12</sup> VANDENBOS, Gary R. (Org.) *Dicionário de Psicologia da APA American Psychological Association*. Porto Alegre: Artmed, 2010, p. 89.

A educação efetiva é a educação que vale a pena (figura 1).

## Aprendizagem

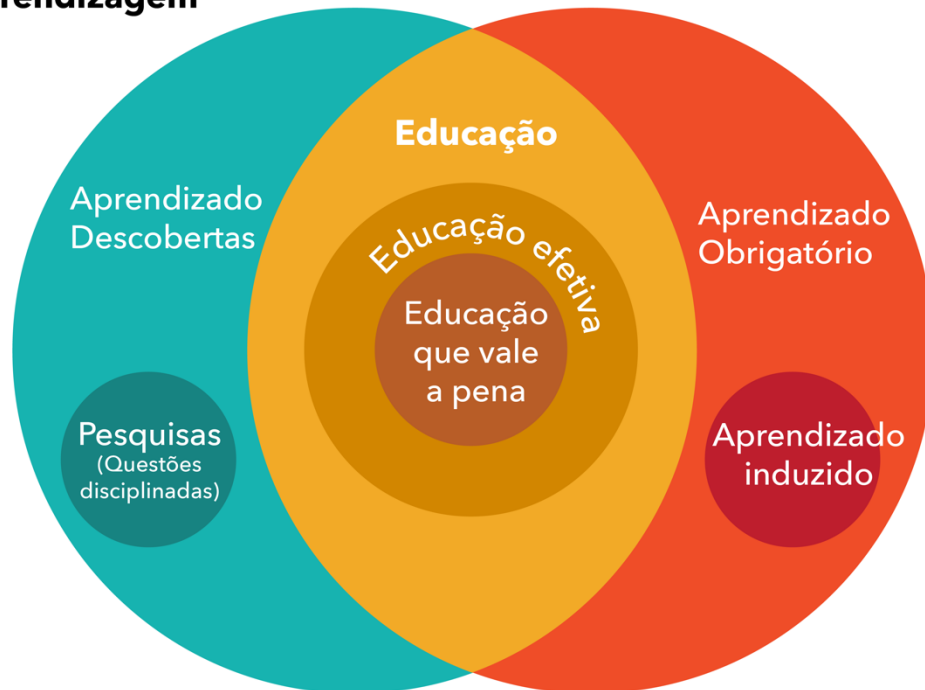


Figura 1. A educação que vale a pena.<sup>13</sup>

As experiências de aprendizagem são muitas e de diferentes configurações. A educação que vale a pena é aquela que permanece, que é fixada no indivíduo como boa, transformadora e relevante. A educação efetiva se preocupa com a edificação de um alicerce conceitual sólido. Além disso, com o cultivo e desenvolvimento de habilidades ou competências práticas — que capacitem o indivíduo a viver da melhor maneira possível no mundo contemporâneo. Por fim, a educação efetiva forma não apenas alunos, mas *aprendentes*, pessoas competentes e motivadas para prosseguir aprendendo e crescendo ao longo da vida.

Mortimer Adler parece descrever isso quando diz que:

O aprendizado humano é um assunto variado que lida com o aprendizado emocional, como nós mudamos e cultivamos nossas emoções; com o aprendizado moral, como nós formamos nosso caráter moral; e com o aprendizado intelectual, como nós melhoramos e mantemos nossa mente.<sup>14</sup>

A educação *cristã* afetiva e efetiva não dispensa os discernimentos úteis advindos dos estudos contemporâneos, mas assume desde o início que é *distinta* em cinco pontos:

(1) *Se encarrega da Palavra de Deus* inerrante, infalível e suficiente, ou, dito de outro modo, do evangelho em toda a Bíblia.

(2) *É encaminhada pelo Espírito Santo*, realizando Jeremias 31.31-34; Ezequiel 36.22-26; Joel 2.28-32 e João 14.16-17, 25-26; 16.7-15, ou seja, por melhores e mais atrativas que sejam

<sup>13</sup> EDUCOLOGY, op. cit., loc. cit.

<sup>14</sup> ADLER, J. Mortimer. *Como Pensar Sobre as Grandes Ideias*. São Paulo: Realizações Editora Ltda., 2013, p. 206.

as técnicas de instrução, quem torna a Palavra de Deus afetiva e produz amor a Deus no coração é a bendita Terceira Pessoa da Trindade.

A educação cristã afetiva e efetiva *tem a ver com a ação de Deus na alma*: salvação, santificação e consolação trazidos para a experiência do eleito — o Espírito Santo aplicando a Palavra em nós e nos configurando segundo Cristo.

Educação cristã afetiva e efetiva não apenas adiciona informações à memória, mas transforma o ser humano como um todo, capacitando-o a conhecer, amar e servir a Deus — a pensar, sentir e agir conforme o evangelho. Ratificando a fala de ontem, a educação cristã afetiva e efetiva encaminha a alma a, pelo Espírito Santo, responder a Deus com amor.

(3) É encaminhada por agentes educadores *chamados e capacitados pelo Espírito Santo* (Jr 3.15; Ef 4.7-16; Rm 12.6-7; 1Co 12.28).

(4) Ocorre, primariamente, em *dois contextos* divinamente estabelecidos: o da *família biológica* e o da *família da fé* (a igreja).

Por fim, (5) os modos de operação ou implementação da educação cristã afetiva e efetiva são três:

1. Formal e informalmente.
2. A toda hora (ao deitar-se, ao levantar-se, ao caminhar).
3. Em todo lugar (em casa, pelo caminho; uns com os outros nas interações da igreja).

Eis os diferenciais da educação cristã afetiva e efetiva. Se entendemos isso, prossigamos para um desdobramento do quarto diferencial.

**E isso nos conduz ao segundo ponto, ou seja...**

## **II. A igreja é o ambiente onde a educação cristã afetiva e efetiva toma forma**

Isso combina com aquilo que foi sugerido por um educador cristão, Larry Richards. Ele entendia que a situação ensino-aprendizagem exige um *modelo humano*. Nós somos beneficiados, do ponto de vista educacional ou do discipulado, se tivermos uma pessoa que nos mostre, na prática, o que significa viver Deuteronômio 6.4-9 e o que quer dizer ser salvo por Jesus, amá-lo e servi-lo todos os dias. Repetindo, para que ocorra a educação cristã afetiva e efetiva, é necessário alguém com as palavras de Deus no coração, que “conheça pessoalmente a realidade da verdade ensinada” e disposto a compartilhar isso com outras pessoas — um discipulador ou educador.

Além disso, dizia Richards, tal pessoa deve ensinar no contexto de uma relação familiar amorosa, experimentada entre o povo de Deus, a igreja.<sup>15</sup>

Isso parece constar em Atos 2.42-47:

42 E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações. 43 Em cada alma havia temor; e muitos prodígios e sinais eram feitos por intermédio dos apóstolos. 44 Todos os que creram estavam juntos e tinham tudo em comum. 45 Vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo o produto entre todos, à medida que alguém tinha necessidade. 46 Diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa e tomavam as

---

<sup>15</sup> RICHARDS, op. cit., p. 132.



suas refeições com alegria e singeleza de coração, 47 louvando a Deus e contando com a simpatia de todo o povo. Enquanto isso, acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos.

Os cristãos perseveravam na doutrina dos apóstolos, eram sinceros em sua dedicação a Deus e agraciados por ele, que acrescentava pessoas dia a dia. A Palavra de Deus estava no centro. O Espírito Santo estava no comando. Os cristãos usavam os meios de graça com fervor, “diariamente”, com “perseverança” e “unânimes” (v. 46). O modo de vida da igreja promovia educação cristã. A educação cristã afetiva e efetiva prosperou no contexto de uma igreja local consistente com o evangelho.

Ao pensar na fidelidade e sinceridade daquela igreja, eu me lembro de um trecho do hino *Sempre Vencendo*, do hinário *Novo Cântico*:

Não é dos fortes a vitória,  
nem dos que correm melhor.  
Mas dos fiéis e sinceros  
que seguem junto ao Senhor.<sup>16</sup>

Que possamos, como educadores cristãos, “seguir junto ao Senhor”, em fidelidade e sinceridade. Que o evangelho para nós não fique encerrado no intelecto, sem afetar o restante de nossa personalidade — nossos afetos e nossas ações. E que a prática do evangelho promova educação cristã afetiva e efetiva e isso sob a bênção de Deus; vidas salvas e acrescentadas dia a dia.

João Crisóstomo leu Atos 2 e escreveu o seguinte:

Aquilo era uma comunidade angelical. Eles não consideravam exclusivamente deles nenhuma das coisas que possuíam. Imediatamente foi cortada a raiz dos males. Ninguém acusava, ninguém invejava, ninguém tinha ressentimentos, não havia orgulho nem desprezo. Naquela igreja o pobre não sabia o que era vergonha e o rico não conhecia a arrogância.<sup>17</sup>

No século 2, a igreja ainda guardava semelhança com a igreja de Atos 2. Em sua *Apologia*, Aristides escreve sobre os crentes:

Eles andam em toda humildade e amabilidade. Não se encontra mentira no meio deles. Eles amam-se uns aos outros.<sup>18</sup>

E ainda:

Se existe entre eles algum pobre ou necessitado, e eles não têm nada sobrando, então eles jejuam dois ou três dias, para dar ao necessitado o necessário em alimento.<sup>19</sup>

Um estudioso refletiu sobre este padrão da igreja do NT, e declarou:

O que se tem em mente não é uma igreja em que não haja culpa, mas uma igreja na qual da culpa perdoada cresce esperança infinita. O que se tem em mente não

---

<sup>16</sup> CROSBY, F. J.; GINSBURG, S. L. Hino 49. *Sempre Vencendo*. In: *NOVO CÂNTICO*, p. 57.

<sup>17</sup> CRISÓSTOMO, João. *Homilias Sobre os Atos dos Apóstolos*, Homilia VII.

<sup>18</sup> ARISTIDES, *Apologia*, cap. 15, apud LOHFINK, Gerhard. *Como Jesus Queria as Comunidades? A Dimensão Social da Fé Cristã*. São Paulo: Paulinas, 1986, p. 220.

<sup>19</sup> LOHFINK, op. cit., p. 221.



é uma igreja em que não haja divisões, mas uma igreja que encontra reconciliação por cima de todos os abismos. O que se tem em mente não é uma igreja em que não haja mais conflitos, mas uma igreja que resolve os conflitos de maneira diferente da sociedade restante. O que se tem em mente, por fim, não é uma igreja em que não haja mais cruz nem histórias de sofrimentos, mas uma igreja que constantemente pode festejar a Páscoa, porque ela morre, na verdade, com Cristo, mas também ressuscita com ele.<sup>20</sup>

Uma igreja assim produz uma influência educadora profunda em seus frequentadores e membros. Atos 2 inicia com o evento do Pentecostes, prossegue com o sermão de Pedro e conclui com a vida da igreja. Esta ordem — Espírito Santo » Evangelho » Igreja — não é incidental. A educação cristã exige a igreja. Sem uma igreja consistente com o evangelho, a educação cristã não prospera.

Vejamos agora como isso se relaciona com os ministérios de nosso Redentor e do apóstolo Paulo.

### III. O Senhor Jesus Cristo e o apóstolo Paulo foram educadores afetivos e efetivos

Só este tópico já renderia um congresso. “Remindo o tempo” (Ef 5.16) avançaremos em voo rasante sobre algumas passagens da Escritura.

Pensem em nosso Senhor Jesus Cristo, que dedicou grande parte de seu ministério ao ensino (Mt 5.1-2; 7.28-29; 13.54; Mc 2.13; 4.2; 9.31; Lc 5.3; 6.6; 6.59; 7.14). Marcos 10.1 fala sobre Jesus ensinando “segundo seu costume”.

Ele ensinava na sinagoga, no templo, em casas, ao ar livre, no caminho, a multidões, a grupos pequenos e a indivíduos. Enquanto ministrava a todos, estava em andamento a educação dos apóstolos no contexto de uma relação amorosa, no discipulado. Ele *ensinava* (ou seja, emprendia educação efetiva) *em amor* (quer dizer, ele educava afetivamente): “E Jesus, fitando-o, o amou e disse [...]” (Mc 10.21b). De fato, Jesus amou os seus discípulos “até o fim” (Jo 13.1). E o amor dele é padrão para o amor mútuo entre os discípulos (Jo 15.12 — “O meu mandamento é este: que vos ameis uns aos outros, assim como eu amei”).

Jesus se assumiu como amigo deles (Jo 15.13-15). E enquanto caminhavam juntos, ele demonstrou emoções: indignação (Mc 10.14), tristeza (Mt 26.38) e choro (Lc 19.41-44; Jo 11.35). Quanto mais Jesus ensinava, *mais ele se dava a conhecer*, mais ele *se revelava* aos discípulos. No fim do processo, pela operação do Espírito Santo, os discípulos foram salvos, santificados (amadurecidos) e capacitados a prosseguir crescendo “na graça e no conhecimento” de Jesus, dando a ele “a glória, tanto agora como no dia eterno”, como lemos em 2Pedro 3.18. Em suma, *a educação empreendida por Jesus foi afetiva e efetiva*.

Ponderemos, agora, em Paulo. Os relatos em Atos, bem como as cartas do NT são suficientes para informar sobre sua bagagem bíblica e teológica, bem como sobre sua capacidade de argumentar, explicar e esclarecer tópicos complexos, qualificando-o como educador proficiente. Mesmo assim, não podemos deixar de mencionar que Paulo “admoestava” não apenas com *doutrina*, mas também com *lágrimas* (At 20.31).

Ele não interagiu com os gálatas como um mestre distante, mas como um “irmão”, um “amigo” e — de modo impressionante — sentido “dores de parto”, até “Cristo ser formado”

---

<sup>20</sup> Ibid., p. 202.

neles (Gl 4.12, 16, 19). Ademais, Paulo externou desalento e perplexidade em Gálatas 4.11, 20, ou seja, enquanto ensinava, Paulo se desvelava como pessoa inteira.

Em 1 Tessalonicenses 2.1-12, Paulo descreveu sua estada entre os irmãos com linguagem tanto maternal quanto paternal, comparando-se a uma “*ama que acaricia os próprios filhos*” (v. 7). Vejamos o que ele diz nos v. 11-12 (NAA):

11 E vocês sabem muito bem que tratamos cada um de vocês como um pai trata os seus filhos, 12 exortando, consolando e admoestando vocês a viverem de uma maneira digna de Deus, que os chama para o seu Reino e a sua glória.

Para completar, Paulo enfatizou que o Espírito Santo concede a alguns o dom de ensino, e aqueles que o recebem devem se dedicar à tarefa (Rm 12.6-7; 1Co 12.8, 28). Em suma, *a educação empreendida por Paulo foi afetiva e efetiva.*

*Se isso é assim, e agora correndo mais do que nunca, chegou o momento de concluir...*

## **Concluindo a parte 2**

Hoje nós vimos o que é a educação cristã afetiva e efetiva. Em seguida, verificamos que a igreja é o ambiente onde esta educação toma forma. Por fim, constatamos que tanto nosso Senhor Jesus Cristo, quanto o apóstolo Paulo, praticaram educação afetiva e efetiva.

Desde ontem eu me esforço para convencer você de que as duas ideias propostas nestas plenárias são dignas de nossa atenção:

Primeira ideia: a educação efetiva é sempre afetiva.

Segunda ideia: a educação cristã afetiva e efetiva exige um ambiente e agentes educadores afetivos e efetivos.

Isso é assim porque Deus educa o seu povo. Ele nos alcança e ensina, efetivamente e afetivamente. E aqueles a quem ele dota e designa para serem educadores, ensinam como seres humanos inteiros a outros seres humanos inteiros, constituídos tanto de intelecto, quanto de emoções.

Isso deveria chamar nossa atenção, porque muito se tem falado, em diferentes campos de estudo, sobre o fato do ser humano não interagir com a vida apenas intelectualmente. De fato, áreas distintas de pesquisa têm sugerido que grande parte de nossas decisões ou ações são significativamente afetadas por nossas emoções. Nós lemos estas pesquisas pensando na segurança da Palavra de Deus: O principal mandamento é amar a Deus; o segundo é amar o próximo (Mc 12.29-31). E amar, como gostamos de ratificar, não é somente uma experiência emocional, mas um ato da vontade renovada pelo Espírito Santo — ação em obediência à Bíblia. No entanto, biblicamente, amar enseja muitas emoções: compaixão, alegria, tristeza, dor, zelo (ou ciúme) e até ira. O amor bíblico é algo forte e inteiro, por mais que tentemos separá-lo em “tipos” e “categorias”, com base nos diferentes vocábulos utilizados na Escritura para descrevê-lo. “Coração”, “alma” e “força” (ou “poder”; ARC) são envolvidos no ato de amar (Dt 6.5). Não é sem razão que Paulo usa uma linguagem às vezes visceral, falando sobre “entranhados afetos”, em Filipenses 2.1 (“afeto profundo”, NAA ou “profunda afeição”, NVI) e às vezes suave, falando sobre “ternos afetos”, em Colossenses 3.12 (“profunda compaixão”, NAA e NVI).

Nossa tradição calvinista e puritana não desconsidera os afetos ou emoções. Os pais puritanos tinham as palavras de Deus na cabeça e no coração. Tanto o “conceito” quanto o “fogo”; como cantamos no Hino 97, mencionado ontem, eles tinham o peito tocado pela “chama viva” de Cristo. *O Espírito, tornando as verdades lidas verdades vivas.* O Espírito fez de nossos

pais na fé cristãos práticos.<sup>21</sup> Deus operou neles fidelidade doutrinária que imbricou em fidelidade moral. Parafraseando Charles Reade, crença que conduziu a atos; atos que conduziram a hábitos; hábitos que conduziram a caráter e caráter que conduziu a um destino.<sup>22</sup> Educação cristã afetiva e efetiva.

A educação cristã afetiva e efetiva implementa uma devoção perseverante, uma disposição contínua de retornar às Sagradas Escrituras e se apegar ao evangelho puro e vivo. A meta final desta educação é a prática da confissão *shemá* no discipulado de Jesus Cristo. Por isso ela é informativa e formativa; o ambiente do ensino cristão (a igreja no culto público, na escola dominical, no grupo de estudo ou nas interações informais) deve capacitar o crente a ser, saber e fazer. Graham Butt afirma que:

*A aprendizagem de conceitos das diferentes áreas do conhecimento, vazios de sentido e aplicabilidade, tem pouco valor em face das demandas da sociedade contemporânea. Daí a preocupação com a formação de indivíduos que aprendam não só conceitos (SABER), mas, também, procedimentos (SABER FAZER) e atitudes (SABER SER).<sup>23</sup>*

Esse trinômio (saber — saber fazer — saber ser) é implementado pelo Espírito Santo iluminando o entendimento e aplicando a Palavra de Deus ao coração (Fp 2.13; cf. Jo 14.26; 16.7-15; At 16.14; Rm 10.17; 1Co 2.14; 2Co 4.6).<sup>24</sup> A educação cristã afetiva e efetiva é implementada com o agente educador conectando o aluno ao conteúdo transformador da Bíblia.

Isso nos coloca diante da coisa penúltima. Educação afetiva e efetiva demanda não apenas qualidade do ensino, mas também qualidade dos professores. O que dizer dos agentes educadores? O que se espera deles?

Segue um perfil com dez qualidades do professor que deseja educar afetiva e efetivamente.

1. Que ame ao Senhor (Dt 6.4-9).
2. Que ame a Palavra do Senhor e faça bom uso dela (Sl 19.7-11; 119.97; 2Tm 2.15).
3. Que conheça e sempre estude a teologia sadia (Tt 1.9).
4. Que seja comprometido com o mandato discipulador de Jesus Cristo (Mt 28.18-20).
5. Que pratique a oração (Sl 55.17; 119.147-148, 164; cf. Hino 129).
6. Que busque continuamente ser cheio do Espírito Santo (Jo 16.7-15; At 1.8; Ef 5.18-21).

---

<sup>21</sup> “Uma igreja cheia do Espírito é uma igreja neotestamentária, no sentido de que **ela estuda o NT e se submete às suas instruções. O Espírito de Deus leva o povo de Deus a se submeter à Palavra de Deus**”; cf. STOTT, John R. W. *A Mensagem de Atos: Até Os Confins da Terra*. Reimp. 2003. São Paulo: ABU, 1994, p. 87. (A Bíblia Fala Hoje). Grifo nosso.

<sup>22</sup> Atribui-se ao escritor e dramaturgo Charles Reade o dito memorável: “Semeie um ato, e você colhe um hábito. Semeie um hábito, e você colhe um caráter. Semeie um caráter, e você colhe um destino”; cf. KD Frases. Frases e Pensamentos de Charles Reade. Disponível em: <<https://kdfrases.com/autor/charles-reade>>. Acesso em: 23 ago. 2018.

<sup>23</sup> BUTT, Graham. *O Planejamento de Aulas Bem-Sucedidas*. São Paulo: SBS Special Book Services Livraria, 2006, p. 42. (Série Expansão).

<sup>24</sup> Deus Pai nos abençoa “com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo” (Ef 1.3). Como afirmei alhures, estas bênçãos são comunicadas a nós pelo Espírito Santo, cumprindo a promessa de Ezequiel: “Porei dentro de vós o meu Espírito e farei que andeis nos meus estatutos, guardeis os meus juízos e os observeis” (Ez 36.27; cf. 2Co 3.3; Jo 14.16-17; Rm 5.5; 8.14; 1Co 2.10-13; Gl 5.5, 18).

7. Que tenha e não negligencie o dom de ensinar, e o exerça bem, por e com amor (Rm 12.6-7; 1Tm 4.14; 1Co 13.1-3).
8. Que aproveite todas as oportunidades para aperfeiçoar suas competências e habilidades de ensino.
9. Que busque estabelecer com cada aluno, uma relação de interesse sincero e amor fraternal.
10. Que nesta relação, demonstre não apenas seus conhecimentos, mas também, quem é e como age, como cristão.

Um professor assim educa como Jesus (cf. At 1.1), fazendo (gr. *poiein*; “executando”; “praticando”) e ensinando (gr. *didaskhein*, “provendo instrução”) a verdade de Deus.

Estamos quase chegando ao fim. Já é possível enxergar uma grande bandeira com a palavra CAFÉ!, mas antes do café, vamos pensar juntos novamente.

Você é capaz de, agora mesmo, fazer uma lista dos educadores que marcaram sua vida? Tente fazer isso agora. Vou lhe dar 60 segundos para anotar os nomes que lhe vierem à mente. OK. Tempo encerrado. Como não estamos em uma oficina, nossa interação é limitada, mas eu me arrisco a dizer que, provavelmente, os nomes que você anotou foram marcantes por algumas razões:

- Alguns deles conquistaram sua atenção pelo fato de serem entusiasmados pela disciplina que ensinavam. Eles não demonstravam apenas domínio intelectual do assunto, mas uma vibração, uma animação e paixão que acendeu em você — aluno — uma chama de interesse.
- Talvez o professor que marcou sua vida olhou respeitosa e com cuidado para você como pessoa, motivando-o a crescer, ajudando-o em suas dificuldades, funcionando como instrutor e como amigo.
- Ou ainda, você foi impactado por um detalhe da vida do professor, algo que chamou sua atenção e fez dele inesquecível.

Os educadores que nos marcaram praticaram educação afetiva e efetiva. Eu tenho minha lista:

- Gracimar, minha professora da 4ª série do ensino fundamental (hoje se diz 5º ano).
- Woxton, meu primeiro professor de classe de adolescentes.
- Geni Souza, também professora de classe de adolescentes.
- Suetânia Rios, amiga e professora de classe de mocidade.
- Presb. Joãozinho, professor da ED.
- Rev. Sérgio Barbosa, sermões e aulas.
- Rev. Francisco Lúcio Pereira, sermões e aulas.
- Pr. Dewey Mulholand, lecionando sobre *Marcos e Romanos*.
- Pr. Isaltino Gomes, lecionando sobre técnicas de pregação (a antiga homilética).
- Pr. Glen Johnson, lecionando sobre *Cântico dos Cânticos*.
- Pr. Karl Roland Janzen, lecionando sobre missões.
- Presb. Rubem Amorese, lecionando sobre formação de líderes.
- Rev. Francisco Leonardo, lecionando sobre liderança.
- Rev. Hermisten Maia, lecionando sobre adoração.
- Rev. Samuel H. Larsen, lecionando sobre o ministério pastoral num mundo globalizado.
- Rev. Mauro Meister, lecionando sobre Cristo no AT.
- Rev. Elias Medeiros, pregando ou lecionando sobre evangelização.

- Rev. Cláudio Marra, lecionando sobre discipulado.
- Presb. José Francisco Gandolfi, lecionando sobre família.
- Presb. Antônio, lecionando sobre cristianismo e liberdade econômica.

Estas pessoas comunicaram (e algumas ainda comunicam) verdade viva. Luz e calor. Todas estas deixaram (e continuam deixando) suas boas marcas em minha vida. Eu fui e tenho sido discipulado por elas. Todas elas são, para mim, educadoras afetivas e efetivas.

Minha convicção é: a obra de Jesus Cristo continua na história por meio de educadores cristãos — crentes simples, dependentes do Espírito Santo, dispostos a discipular (ensinar). Gente alcançada pelo amor de Deus; transbordante deste amor. E que, capacitada por graça, ama a Deus de volta. Corresponde ao amor dele. Daí, reparte este amor com outros, atualizando Deuteronômio 6.4-9. Educadores cristãos imperfeitos, ensinando sobre o Perfeito. Educadores cristãos mortais, lecionando sobre o Eterno. Educadores cristãos pecadores, doutrinando sobre aquele que é Santo. Educadores cristãos pequenos e fracos, apregoando o Deus Grande e Forte.

Que nosso Senhor tenha misericórdia de Deus, e com graça, faça de nós educadores afetivos e efetivos. Mais uma vez, agradeço a Deus por esta oportunidade. Registro também minha gratidão e súplica em favor do Conselho de Educação Cristã e Publicações da IPB (CECEP), bem como da Editora Cultura Cristã, pela realização deste Congresso. Por fim, agradeço a você, presente neste plenário, por sua participação preciosa. Obrigado a todos! Vamos orar.

## Referências bibliográficas

- ADLER, J. Mortimer. **Como pensar sobre as grandes ideias**. São Paulo: Realizações Editora Ltda., 2013.
- BUTT, Graham. **O planejamento de aulas bem-sucedidas**. São Paulo: SBS Special Book Services Livraria, 2006. (Série Expansão).
- CRAIGIE, Peter C. **Deuteronômio**. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.(Comentários do Antigo Testamento). Logos Software.
- CRISÓSTOMO, João. **Homilias sobre os atos dos apóstolos**.
- EDUCOLOGY: KNOWLEDGE OF EDUCATION. Disponível em: <<http://educology.iu.edu/education.html>>. Acesso em: 10 ago. 2019.
- HUSTAD, Donald. **Jubilate! A música na igreja**. São Paulo: Vida Nova, 1986.
- KD Frases. **Frases e pensamentos de Charles Reade**. Disponível em: <<https://kdfrases.com/autor/charles-reade>>. Acesso em: 23 ago. 2018.
- LLOYD-JONES, D. Martyn. **Os puritanos: suas origens e seus sucessores**. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1993.
- LOHFINK, Gerhard. **Como Jesus queria as comunidades? A dimensão social da fé cristã**. São Paulo: Paulinas, 1986.
- MARTIN, Ralph P. **Adoração na igreja primitiva**. 2. ed. revisada. São Paulo: Vida Nova, 2012.
- NEIGHBOUR, Ralph W. (Ed.). **La iglesia del futuro**. El Paso, TX: Casa Bautista de Publicaciones, 1983.
- NOVO CÂNTICO**. 16. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, versão em ePub, 2018.
- STOTT, John R. W. **A mensagem de Atos: até os confins da terra**. Reimp. 2003. São Paulo: ABU, 1994. (A Bíblia Fala Hoje).
- VAN GRONINGEN, Gerard. **Criação e consumação**. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2017, v. 1.
- VANDENBOS, Gary R. (Org.) **Dicionário de psicologia da APA American Psychological Association**. Porto Alegre: Artmed, 2010.